

EDUCAÇÃO E CULTURA

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

O diretor do Internato Pedro II acaba de demitir-se e de publicar uma longa declaração dos motivos que levaram a tão grave e irrevogável decisão. Não vou reproduzir aqui a longa exposição que já foi publicada nos jornais e que me pareceram longas demais para a atenção do leitor médio destes tempos de nervosismo e de pressa. Tenho observado que o defeito comum desse tipo de documento é sempre o da extensão, o da prolixidade, o da pretensão de dizer tudo, tim-tim por tim-tim, ou com os pingos nos ii. É um erro imaginar que a profusão de por menores torne mais clara e mais incontestável a conclusão. Mas isto é outra história... O que retive da densa publicação foi o tópico onde o diretor do Pedro II, num apreciável ato de humildade ou num imperdoável momento de irreflexão, só Deus sabe, declara que em certas e determinadas circunstâncias acreditou nas promessas do sr. Presidente da República, feitas durante sua visita àquele estabelecimento de ensino em dois de dezembro de 1957. Passo a palavra ao ex-diretor: "O Presidente prometeu atender ao nosso pedido e assegurou publicamente, como demonstram os jornais da época, fazer questão de inaugurar o Pavilhão das Aulas em 1958 e tudo o mais em 1959. Para que isto fosse possível, foi incluída no orçamento a dotação necessária, mas inexplicavelmente, até hoje, nem sequer o edital de concorrência para a realização das obras foi publicado!!!". Os pontos de exclamação são do sr. Vandick Londres da Nóbrega, ex-diretor do Internato Pedro II, e provam, a meu ver, que o professor Vandick, talvez absorvido por seus múltiplos afazeres, como se costuma dizer, tem andado bastante afastado da realidade brasileira dos últimos anos. Gastar três pontos de exclamação em fato tão trivial prova o alheamento do professor, ou indica a extrema tensão emocional em que foi redigido o documento. Sim senhores, se o professor gasta três pontos de exclamação para a promessa de um pavilhão num estabelecimento de ensino, feita numa tarde de claro outono por um jovial presidente em visita ao dito estabelecimento, quantos pontos usará para lembrar a promessa da contenção dos preços feita pelo mesmo presidente em termos mais graves, e com invocação de expressões comprometedoras como aquela que dizia ser ponto de honra o barateamento do custo de vida? E quantos pontos, não de honra mas de exclamação, terá o professor Vandick no dia em que descobrir que Brasília não foi realmente acabada e inaugurada na data tantas vezes garantida pela palavra presidencial?

Mas a explicação do professor Vandick não mantém em toda a sua extensão o mesmo registro alto e tenso. Mais adiante alude ao mau estado do edifício e às consequências que podem advir da insegurança do prédio, que está com paredes a largarem pedaços, em termos muito objetivos e muito comedidos. "Há uns dez dias caiu na cama de um aluno um pedaço de massa, que pesava uns dois ou três quilos. Imaginemos os aborrecimentos que surgirão se amanhã um bloco desses cair sobre a cabeça dum aluno e acarretar-lhe a morte". Estranho documento! Estranho país, esse em que vivemos! Quem não o conhecesse iria supor, pela redação do professor Vandick, que é gravíssimo e raríssimo nesta terra o não cumprimento de uma palavra presidencial; mas em compensação é fenômeno relativamente corriqueiro o "aborrecimento" de ver um tijolo despencado de uma parede de dormitório "acarretar" a morte de um menino internado no Pedro II.

Tudo isto diverte, meus amigos. Eu só receio que esse tipo de comédia seja cansativo e com o tempo venha degenerar em veneno para uma nação desesperada. Não quero prejudicar a exposição do ex-diretor que talvez esteja com toda a razão, mas não posso furtar-me ao gozo estético daquelas curiosas desproporções. Talvez esteja errado em chamar a atenção para questões de estilo e de pontuação em matéria que na parte substantiva é tão grave. Defender-me-ei com a alegação de que grave, gravíssimo, é o fenômeno de desmoralização geral das categorias intelectuais que além de atingir os educandos já atinge em cheio os educadores. A prova disto é a situação em que se acha o sr. Ministro da Educação. É hoje, sem sombra de dúvida, o mais espancado, o mais batido, o mais pisado dos homens públicos brasileiros. Todo o mundo dá nele. Nem o coronel Mindelo da COFAP, pode gabar-se de ter apanhado tanto! Todo o mundo tem razão contra ele. Todo o mundo, logo que pode, passa por cima dele, como passou o presidente no dia em que quatro ou cinco meninos, com gravatas dos papais, ameaçaram a república com uma greve estudantil.

O presidente caiu no blefe de quatro ou cinco meninos de curso secundário, e recuou sem dar a menor atenção aos embaraços em que ficaria o sr. Clovis Salgado. Agora é o diretor demissionário do Pedro II, internato, que vem a público queixar-se e provar o descaído do sr. Ministro de Educação por aquele estabelecimento de ensino. Os pais de alunos estão contra, os filhos estão contra, os mestres estão contra, os professores e diretores e ex-diretores estão contra a atuação do sr. Clóvis Salgado. Quem estará a favor além dele mesmo? Tenho a impressão de que o ministro virou judas. Não digo Judas, com ressonâncias evangélicas de avareza e traição; digo judas minúsculo, folclórico,

que no sábado da ressurreição serve de armazem de pancadas.

Essas e outras nos indicam que estamos muito longe de descobrir que o problema número um do Brasil é o da Educação combinado com o da Saúde. E é por isso que a taxa de analfabetos e de mortalidade infantil permanece a mesma nos anos deste governo que prometeu mundo e fundos. Constroem-se palácios geniais, compram-se aviões a jato, recebem-se duquezas e presidentes com grandes despesas, mas não se conserta o muro e o teto do colégio que já foi colégio modelo da república, e assim não se evita o provável aborrecimento que acarretará num desses dias o desmorrimento de um dormitório de meninos.